

O romance do Conde Alarcos na Galiza

José Luís Forneiro Pérez

Formas de citación recomendadas

1 | Por referencia a esta publicación electrónica*

FORNEIRO PÉREZ, JOSÉ LUÍS (2011 [1989]). “O romance do Conde Alarcos na Galiza”. En Gil Hernández (ed.), *Actas do II Congreso Internacional da Língua Galego-Portuguesa na Galiza. 1987*. A Coruña: Associação Galega da Língua, 505-518. Reedición en *poesiagalega.org. Arquivo de poéticas contemporáneas na cultura*.
<<http://www.poesiagalega.org/arquivo/ficha/f/626>>.

2 | Por referencia á publicación orixinal

FORNEIRO PÉREZ, JOSÉ LUÍS (1989). “O romance do Conde Alarcos na Galiza”. En Gil Hernández (ed.), *Actas do II Congreso Internacional da Língua Galego-Portuguesa na Galiza. 1987*. A Coruña: Associação Galega da Língua, 505-518.

* Edición dispoñíbel desde o 14 de abril de 2011 a partir dalgunha das tres vías seguintes: 1) arquivo facilitado polo autor/a ou editor/a, 2) documento existente en repositorios institucionais de acceso público, 3) copia dixitalizada polo equipo de *poesiagalega.org* coas autorizacións pertinentes cando así o demanda a lexislación sobre dereitos de autor. En relación coa primeira alternativa, podería haber diferenzas, xurdidas xa durante o proceso de edición orixinal, entre este texto en pdf e o realmente publicado no seu día. O GAAP e o equipo do proxecto agradecen a colaboración de autores e editores.

O ROMANCE DO CONDE ALARCOS NA GALIZA

José Luís Forneiro Pérez

Bolseiro Investigador
Universidade Autónoma de Madrid
Membro da AGAL (Madrid)

I. INTRODUÇÃO

Entre os romances jogralescos que com maior vitalidade se conservam na tradição oral moderna figura o do *Conde Alarcos*, segundo Menéndez Pidal já divulgado antes de 1454 e de origem castelhana (1), cujo *pliego* mais antigo foi datado arredor de 1515 (2).

Tem-se especulado com várias fontes históricas do romance (3); certas ou nom, o *Conde Alarcos* despertou o interesse de autores de distintas épocas como Guillén de Castro, Lope de Vega, Castillo Solórzano, Schlegel, Disraeli ou Jacinto Grau, que recriarom nas suas obras narrativas e dramáticas a história do Conde Alarcos (4).

(1) Sobre a antigüidade vid. Ramón Menéndez Pidal, *Romancero Hispánico*, II, Madrid, Espasa-Calpe, 1968, pp. 19 e 20; acerca da origem vid. *ob. cit.*, I, p. 357, assi como a tese de doutoramento de Luciano García Lorenzo, *El tema del Conde Alarcos. Del Romancero a Jacinto Grau*, Madrid, C.S.I.C., 1972, pp. 18 e 19.

(2) Segundo o sustenta o editor moderno Henry Thomas, «*Romance del conde Alarcos*», printed by G. Coci, *Saragossa c. 1520. With introduction, and variant readings from an edition printed by Jacobo Cromberger, Seville, c. 1515*. Cambridge, University Press, 1927. Ambos os *pliegos*, que carecem do nome do impressor e da data e lugar de impressom, conservam-se hoje no Museu Britânico. Antonio Rodríguez Moñino no seu *Diccionario de pliegos sueltos. Siglo XVI*. Madrid, Castalia, 1970, pp. 322 e 323, esqueceu de incluir a versom mais antiga, a atribuida a Cromberger. Recolhemos esta informaçom de García Lorenzo, *ob. cit.*, pp. 6 e 7.

(3) Durán acreditava que o romance estava baseado num factô do século XIV: a morte dada polo infante Dom João de Portugal a sua esposa Maria Telles por intrigas da rainha Leonor para casá-lo com a sua filha Dona Beatriz (*Romancero General*, II, Madrid, BAE, 1851, p. 219). Menéndez Pelayo, pola sua parte, defendia que o *Conde Alarcos* estava influenciado polo assassinato, acontecido no século XVI, da Duquesa de Bragança, Dona Leonor de Mendoça, por seu marido, o Duque Dom Jaime (*Antologia de Poetas Líricos Castellanos*, Madrid, Hernando y Cía., 1906, p. 301). Para o hispanista italiano Guido Manzini a fonte do nosso romance poderia ser a popular história de Inês de Castro e do Rei Dom Pedro de Portugal (*La romanza del Conde Alarcos*, Pisa, Libreria Goliardica Editrice, 1959, p. 21). Mais recentemente, o investigador espanhol García Lorenzo tem especulado com a batalha livrada no lugar de Alarcos em 1195 na que, segundo o povo, o Rei Alfonso VIII sofreu umha contundente derrota como castigo do menosprezo que fixo a sua legítima mulher ao namorar-se de umha formosa judia (*ob. cit.*, pp. 21-25). Recolhemos todas estas teses da obra de García Lorenzo, pp. 20 e 21.

(4) Sobre as repercussoms e recriaçoms literárias do *Conde Alarcos* vid. a obra de García Lorenzo, assi como as pp. 253-254 e 435-436 do vol. II do *Romancero Hispánico* de Menéndez Pidal.

Esta balada, quase exclusiva do Mundo Hispano-Português —só se conhece umha versom italiana publicada em 1888— (5), mantém-se viva hoje na tradiçom oral da Península, Canárias, Açores, Madeira, Goa, Malaca, Chile, Brasil, nas comunidades de emigrantes portugueses nos Estados Unidos e Canadá, assi como nas colónias dos judeus-sefarditas e na emigraçom galega em Brasil.

O romance velho —cuja autoria é atribuída a Pedro de Riaño, pois o seu nome figura nos *pliegos* soltos do XVI conservados— (6) conta a trágica história do Conde Alarcos, quem se vê obrigado a matar sua mulher por umha ordem do rei animada pola sua filha. A infanta exige que o nobre lhe repare o seu honor cumprindo a promessa de matrimónio que lhe dera, para o qual Alarcos deve matar, previamente, a sua esposa. O conde executa o mandato real, e a condessa ao morrer, empraza ao monarca e a sua filha para se apresentarem antes dos trinta dias perante a justiça divina. Nom só aos poucos dias morrem os dous membros da família real, senom também o conde.

Na tradiçom oral galega o *Conde Alarcos* é um tema bastante comum, conhecido já desde antigo —a primeira mostra publicou-na Milá i Fontanals em 1877— (7) do que se tenhem colectado versons nas quatro províncias.

Para o nosso trabalho contamos com todos os textos editados, assi como com as versons inéditas do arquivo de dom Ramón Menéndez Pidal e do *Archivo Sonoro del Romancero* do «Seminario Menéndez Pidal»; em total trinta e duas versons completas e vinte e quatro incompletas, fragmentos ou notícias, às que haveria que acrescentar as do Berço galego que respondem ao tipo do *Conde Alarcos* na Galiza —cinco das dez que conhecemos desta bisbarra leonesa— (8) e umha curiosa versom em galego de Alcañices (Çamora) recolhida por Tomás Navarro Tomás.

II. CARACTERÍSTICAS DO CONDE ALARCOS GALEGO-PORTUGUÊS.

Na Galiza este tema romancístico está encabeçado polo *incipit* do romance de *Silvana* em praticamente todas as versons do corpus. Igualmente acontece em todo o Portugal continental —no Alentejo e no Algarve convivem os dous modelos, com e sem *Silvana*— e nos Açores, Brasil e Canárias, áreas estas últimas em que este tipo de *Conde Alarcos* se mostra raramente.

A fusom destes dous romances parece ter certa antigüidade, pois segundo os investigadores portugueses Vanda Anastácio (9) e José Joaquim Dias Marques (10) o único verso que a tradiçom velha conserva,

(5) Constantino Nigra, *Canti popolari del Piemonte*, núm. 8, «A figlia del Re», 1888.

(6) Ainda que se carece de qualquer informaçom acerca da obra e da personalidade de Riaño, Menéndez Pelayo e Milá i Fontanals nom descartaram a possibilidade de que fosse o autor do romance (vid. García Lorenzo, *Ob. cit.*, pp. 19-20).

(7) Manuel Milá i Fontanals, «De la poesía popular gallega», *Romania*, 6, 1877, pp. 68-69. A esta figura da Renaiçença Catalá foi-lhe facilitado o texto por Manuel Murguía.

(8) As cinco versons que apresentam as mesmas características que o *Conde Alarcos* galego correspondem às localidades de Moldes (duas) e Busmaior (ambas pertencentes ao concelho de Barjas), Viariz (c. Corulhom) e Aira da Pedra (c. Vilafranca do Berço).

(9) Vanda Anastácio, «Os incipits de *Silvana* no romance do *Conde Alarcos*: considerações», *Quaderni Portoghesi*, 11-12, Pisa, 1982, pp. 231-232.

(10) José Joaquim Dias Marques, «Sobre um tipo de versões de romance de *Delgadinha*», *Quaderni Portoghesi*, 11-12, Pisa, 1982, nota 1, pp. 219-220.

na obra de Fco. Manuel de Melo, *Auto do Fidalgo Aprendiz* (1646), pola natureza do tema e a situaçom na que se apresenta no auto, umha conversa ligeira de um galâm com a sua dama, poderia permitir adiantar a hipótese de que o que segue a este verso inicial fosse o *Conde Alarcos* (caso de amor infeliz) em vez do de *Silvana*, cujo tema de incesto nom parece tam ajeitado num escarcéu amoroso.

Para a professora Anastácio a incorporaçom dos primeiros versos de *Silvana* mais que umha variante afortunada trata-se de umha clara contaminaçom. Este *incipit* nas versons galego-portuguesas produziria umha nova interpretaçom do texto:

«...mais do que uma simples introdução, os versos de *Silvana* «mudam» algo na estrutura do romance, contribuindo para polarizar o problema — separando claramente culpados e inocentes— eliminando as ambiguidades de cada personagem, tornando desejável a suspensão do assassinato final, moralizando a história» (11).

Assi, o Conde Alarcos nom tem culpas que expiar, pois o conflito nom surge do nom cumprimento da sua promessa de matrimónio. É a infanta, com as suas ape-tências amorosas por um home casado, a causante de todos os males; passa de ser umha sofredora passiva,

*Retrayda está la infanta, bien assí como solía
biviendo muy descontenta de la vida que tenía,*

que dizia o texto do XVI, a se converter numha heroína activa que concentra sobre si todás as conotaçons negativas. Desta maneira, o conde nom mata a condessa porque a justiça divina o impede no último momento com a morte da infanta.

Coincidimos com a professora Vanda Anastácio em que há contaminaçom e em que existe um tipo diferente do *Conde Alarcos* galego-português a respeito das outras tradiçons que se mantem fieis ao *dramatis personae* do romance do século XVI. Porém, as coincidências ficam aí. Para nós, a contaminaçom produze-se polo simples facto da passagem duns versos de *Silvana* para o *Conde Alarcos*. No referente à sua caracterizaçom do tipo galego-português de *Silvana* + *Conde Alarcos*, ainda que é válida para o corpus galego deste romance, cremos que a sua contaminaçom com *Silvana* nom é o mais definitório da tradiçom galego-portuguesa, pois o que para Anastácio é próprio da fusom de *Silvana* + *Conde Alarcos* também se pode achar nas duas versons galegas nom contaminadas que conhecemos e nas portuguesas deste tipo que temos consultado. Na nossa opiniom, o mais peculiar do *Conde Alarcos* galego-português nom é o início senom o final: sem emprazamento, com o tocar dos sinos e a intervençom prodigiosa do neno lactante, como já sinalou Menéndez Pidal em 1953 (12).

III. ANÁLISE ESTRUTURAL DO TEMA CONDE ALARCOS NA GALIZA.

No nossa análise dividiremos o *Conde Alarcos* galego nas quatro partes seguintes:

1.^a A infanta pede a seu pai que a case com o Conde Alarcos (*Pedido da infanta*).

(11) Anastácio, *Art. cit.*, p. 236.

(12) Menéndez Pidal, *Ob. cit.*, I, p. 357.

- 2.^a O rei ordena ao conde que mate a condessa para assi casar com a infanta (*Imposiçom régia*).
- 3.^a Alarcos volta abatido à sua casa; a mulher interroga-o pola causa da sua dor, mas o conde, esmagado pola amargura, demora a resposta. Finalmente, o conde comunica a orde real a sua esposa e esta submissa, manifesta as suas derradeiras vontades (*Submetimento dos condes*).
4. A justiça divina impede que o conde mate a sua mulher castigando à infanta com a morte (*Castigo divino*).

1.^a *Pedido da infanta.*

Como já dixemos, é característico do *Conde Alarcos* na Galiza o começo com os dous versos iniciais de *Silvana* nos que se apresenta à infanta estática ou em acçom tangendo um instrumento com o fim de chamar a atençom sobre si:

Estando doña Silvana, sentadita en una silla
tocando en una guitarra ¡ay, qué bien la repartía?
 (Castelo, Lugo)

Estando doña Silvana tocando la guitarrilla,
despertó a su rey padre con el ruido que hacía
 (Cabude, Lugo)

Va Silvana, va Silvana polo corredor arriba
tocando nunha viola muito ben que o fasia
 (Arruás, Ourense)

Porém, nas escasas versons galegas de *Silvana* —quatro e um fragmento de cinco versos face às mais de cinqüenta do *Conde Alarcos*— a infanta tenta ser o centro de atençom limitando-se a exhibir a sua beleza;

Silvaniña se pasea por unha huerta florida,
maldiciendo a sua suerte, maldiciendo a sua vida
 (Rubiá, Ourense)

Paseando estaba Silvana no xardin qu'o rei lle tiña
levaba corona d'ouro, vestido de planta fina
 (Lousame, A Corunha)

A tradiçom galega especifica com a actuaçom musical da infanta quando se trata do romance do *Conde Alarcos* ou do de *Silvana*, romance este de rara ocorrência na Galiza, onde parece que a cultura tradicional se conformou com o tema de *Delgadina* à hora de abordar a história incestuosa de um pai com a sua filha.

Na maioria das versons do *Conde Alarcos* na tradiçom oral moderna a narrativa começa num momento em que a acçom já principiou. É mui possível, portanto, que na Galiza e nas demais áreas com *Silvana* o primitivo *Conde Alarcos* começasse *in medias res* como acontece em quase toda a geografia romancística actualmente, e que este decapitamento desse pé à atracçom do *incipit* de *Silvana*.

Apenas contamos com duas versons na Galiza em que os versos de *Silvana* nom figuram:

—*Todas as fillas do rei, casadas e con familia*
e eu por ser a mais bonita aquí me encontro rendida
(Santa Marinha, Lugo)

—*Todas as nenas do barrio 'tan casadas, tein familia*
e eu por se-la mais bonita salí la más afligida
(Sam Martinho de Suarna, Lugo)

Nom obstante, como já temos sinalado, o romance apresenta as mesmas características que o *Conde Alarcos* com *Silvana*.

A actuación musical da infanta na práctica totalidade das versons tem como fim despertar ao pai, quem pregunta a *Silvana* a causa da sua inquietude:

—*Tu que tés, dona Silvana, tu que tés, oh filla miña?*
(Santa Eufemia, Lugo)

Num sessenta por cento das amostras do corpus a infanta responde ao rei manifestando-lhe nom só os seus desejos de contrair matrimónio, senom também quem quer que seja seu marido:

—*Lo que tenía, padre, ya muy pronto lo quería:*
De tres hermanas que somos todas hijas sin marido
e eu por se-la más bonita en que desgracia he nacido.
Aduve siete reinados, no encuentrein quen me gustara,
no siendo conde de Albano, que é casado e ten familia.
Mándelo llamar, mi padre, mándelo llamar un día,
mándelo llamar, mi padre, poña-lle pena da vida,
que mate a sua muller, que case case ca sua filla.
(Foilebar, Lugo)

Nalgumha ocasiom, a infanta, impaciente, ordena ela mesma que se lhe aviste o conde:

—*Que casou as fillas todas e que pra min non habia*
e mandei busca-lo conde da sua parte e da miña.
(Aldonám, Lugo)

Normalmente, o pai nom responde à filha quando esta lhe comunica a sua vontade de querer casar com o Conde Alarcos; porém, há duas excepçons em que o rei responde à infanta:

—*Vete a llamar a don Juan de tu parte y de la mía.*
(Tores, Lugo)

—*Mándalo llamar, Silvanita, de tu parte y de la mía.*
(Forcados, Lugo)

Quando a filha só manifesta o seu desejo de casar, o quarenta por cento do corpus, é o pai quem fala do Conde Alarcos como o único digno do sangue real, mas sempre sem deixar de mencionar a sua condiçom de casado:

—*Di-me con quen te hei casar de más alta señoría?*
sólo con don Carlos de Arcos está casado e con familia.
(Confurco, Ourense)

Como vemos, na Galiza o Conde Alarcos está livre de toda acusação de incumprimento da promessa de matrimónio, com diferença do *pliego* do XVI:

la qual el me prometiera que yo no gela pedia
de siempre ser mi marido yo que su mujer sería,

a acusação que se conserva hoje em Castela-Leom, Catalunha, Portugal, Brasil e Canárias. Unicamente conhecemos duas versons galegas em que figura a promessa dada polo conde:

que me ha dado una palabra cuando yo era chiquilla:
«Crece, crece, Delgadita, que tú has de ser la mía».
(Bezerra, Lugo)

non sendo o conde d'Aldea conmigo se divertía
pero o conde é casado, é casado e ten familia.
(Sordos, Ourense)

Como bem sinala a professora V. Anastácio o Conde Alarcos «não tem culpas a expiar. É vítima (uma entre outras) da infanta Silvana» (13): e de seu pai, acrescentamos nós, quem colabora, abusando do seu poder real, na desonesta pretensom da sua filha.

2.^a *Imposiçom régia.*

Ainda que às vezes se liga directamente esta cena à anterior por meio da pergunta que o conde dirige ao rei acerca dos motivos da sua chamada:

—*¿Qué quiere usted, buen rey, qué quiere su señoría?*
(As Cancelas, Lugo)

o habitual é que nom se elidam os versos em que se indicam a presteza com que o conde comparece ante o rei:

—*Inda non eran as doce, el conde a la puerta viña,*
(Estrada, Lugo)

ou bem a dúvida do conde pola inesperada e ameaçadora ordem:

—*Mandou-me chama-lo rei, non sei que me quererá:*
Se será para o meu ben, se será para meu mal?;
(Mancegar, Lugo)

e mesmo a dor do conde por um requerimento que sabe que nom pode trazer nada bom:

Don Conde llega al palacio más triste que allí venía.
(Seoane, Lugo)

A clara e firme orde do rei:

—*O que che quero, don Conde eu ben pronto cho diria:*
Que mates a tua muller pra casar ca miña filla;
(Seoane, Lugo)

(13) Anastácio, *Art. cit.*, p. 238.

é respondida sistematicamente polo conde que se resiste a matar sua esposa:

—*Eu matá-la, non señor, que ela non mo merecia.*
(Foilebar, Lugo)

O característico das versons galegas nom é a negativa de Alarcos, que já figura-va nos *pliegos* do XVI e que se conserva em áreas onde o conde finalmente mata a mulher, senom o facto de aparecer sem nengumha excepçom no corpus galego, o qual reforça a posiçom de um Conde Alarcos fiel e livre de qualquer relaçom amo-rosa com a infanta.

A rotunda ameaça de o rei tirar ao conde a vida, se nom mata a condessa:

—*Mata-a conde, mata-a conde, e si non pena da vida;*
(Gestoso, A Corunha)

em muitas occasions amplia-se com a exigência de apresentar-lhe a cabeça da esposa como testemunho do cumprimento do mandato real, motivo que, além da Galiza, só encontramos em versons do mundo lingüístico português:

traerás-me a cabeza nesta dorada bacia,
envuelta en paños de seda que ella en su casa tenía.
(Peibás, Lugo)

Em duas versons de Moldes (Leom) estas palavras do rei som substituidas por outras que exprimem mais explicitamente a sobérbia e o abuso do poder real:

pois por mandado do rei muita máis xente morria.

Neste verso pom-se de manifesto umha norma na ideologia do Romanceiro: a vontade real sempre é levada a cabo; só existe a excepçom do romance *El destierro del Cid*, em que o héroi castelhano se nega a satisfazer os desejos do seu monarca.

Abraiado polo rigurossíssimo e trágico mandato do rei, e incapaz de sustentar a sua oposiçom face à família real, o conde regressa à sua casa. Porém, em cinco versons o nosso protagonista contesta ao rei, numha delas sublinhando a «normalidade» da prepotência do poder:

—*Porque me muera la mujer no es mucha la maravilla,*
que por mandado do rei mucha más gente moría;
(Castelo, Lugo)

mentres que nas outras quatro o conde propom alternativas à morte da sua esposa —alternativas que noutras áreas som ditas pola condessa quando Alarcos está dis-posto a matá-la; ou bem figuram em ambas seqüências—:

—*Mande-a pa casa 'e seu pai que ellos aceitarían*
.....

—*Mande-a deitar al mar las ondas la llevarían*
.....

—*Mande-a matar al monte los bichos la comerían,*
(Alcañices, Çamora)

—*Meterei-a nun convento donde sua mai a tiña*
(A Cancela, Ourenas)

—*Meterei-na nun convento chamarei-lhe á recollida*
(Paços de Borvém, Ponte-Vedra)

—*Mandarei-na polo mundo vestida de a pelegrina*
(Paços de Borvém, Ponte-Vedra)

Nestas duas últimas versons (14), o rei responde à proposta do conde manifestando-lhe que a morte da infanta é a única solución satisfatória:

—*Esa honra non é do rei pra casa-la sua filla.*

3.^a *Submetimento dos condes.*

A partir deste momento, como bem dizia Menéndez Pidal, é a condessa a verdadeira protagonista da história: «*Pudiera decirse que es el romance de la Condesa Alarcos, no del Conde*» (15). Com efeito, após o regresso do conde a súa casa,

Chegou o conde ò palácio máis triste qu'ó triste día,
(A Cancela, Ourense)

é a condessa o suxeito da narraçom, pois ela é que leva a iniciativa nesta parte final, primeiro inquirindo ao marido polo motivo da súa tristeza e depois preparando a súa própria morte.

A reserva do conde para comunicar a súa esposa o mandato do rei nom cremos que seja unha demostraçom do amor autêntico que Alarcos sente pola condessa, como tentou defender o jovem investigador Andrea Ciacchi no *IV Coloquio Internacional del Romancero* (16). Este estudioso italiano argumentou esta tese baseando-se numha versom por ele coligida em Goiana (Brasil), e nos comentários da informante: «se [...] fosse um marido falso, quer dizer que tinha matado a mulher logo cedo». Ainda que as glosas dos informantes tenham sempre o seu interesse, consideramos que é no texto, formado por todo o corpus das versons, onde temos que procurar as chaves do relato. Para nós, os contínuos aprazamentos e/ou comportamento anómalo do conde à hora de dar à condessa a nova e trágica notícia,

Cerrou portas e ventanas, cousa que nunca faguia;
vestiu criados de luto, de luto que non habia
(Sordos, Ourense)

—*Fai-me de comer, muller, das once de medio día.*
Inda non eran as doce e a comida à mesa iba.
Miran uno para el otro, ninguno de ellos comía.
Fuéronse para el jardín mirar como enflorcía,
todas las rosas abiertas ninguna de ellas cogían.

—*Vámonos para la cocina por ver si te lo diría.*
Di-ceme o rei que te mate a ti pra casar ca sua filla,
(Seoane, Lugo)

son indícios que, à vez que aumentam a tensom narrativa pola demora do assassinato, informam acerca da dispoziçom de Alarcos para matar a súa mulher. Prova disto

(14) Recolhidas entre a comunidade galega de Bahia (Brasil) pola profesora M.^a del Rosário Suárez de Albán, quem generosamente nos facilitou estes textos.

(15) Menéndez Pidal, *Ob. cit.*, I, p. 359.

(16) Andrea Ciacchi, «Función de la repetición y dilatación del tiempo narrativo en el romance *Conde Alarcos*», *IV Coloquio Internacional del Romancero*. Sevilla-Puerto de Santa María-Cádiz, 23-26 de Junho de 1987.

é que numha versom de Aldomám (Lugo), a condessa pressente o seu trágico fim na estranha conduta do seu marido:

—*Di-me conde, di-me conde, que era o rei que che quería,
que eu no me corazón teño
que me matarás a mí e te casarás ca filla.*

Os aprazamentos, que nom aparecen nas versons galegas mais resumidas, encontramos-los também naquelas tradiçoms em que se leva a cabo o assassinato, excepto no Romanceiro canário. Por conseqüência, fica claro que as demoras do conde, mais que salientar o amor ou a impotência deste para acabar com sua esposa, preparam o ouvinte-receptor para a injusta morte da fiel condessa.

O mais peculiar do *Conde Alarcos* galego é a submissa e resignada atitude da mulher perante o seu fim. A diferença com o que acontece nas outras áreas geográficas a condessa galega está disposta a que se cumpra o mandato real para assi poder salvar a vida de seu marido. Noutras regions romancísticas a condenada resiste-se a morrer propondo alternativas; no corpus galego só encontramos cinco exemplos —citamos dous—:

—*Non me mates conde Alberso qu'a morte n'a merecia
e darás-me pan por onza e água por medida.*
(Noia, A Corunha)

—*Cala, conde, cala conde que eso eu remédio tenía:
Meterás-me entr'as paredes onde non vexa sol nin día,
dár-m'a comida por onza e a bebida por medida
e vamos dar un paseo por se-lo último día.*
(Sordos, Ourense)

O habitual é que a condessa assumia sem resistênciã o seu fim, comunicando a seu marido a morte que deseja:

—*Manda llamar al barbero que me día umha sangría
(Ferreiros de Balboa)*

Este verso conhece-se também na tradiçom portuguesa como umha morte alternativa:

—*Não me mates com cutelo que é morte da tirania,
manda chamar um barbeiro que m'abra uma sangria.*

Talvez o facto de este último verso aparecer na maioria das versons galegas sem que figure diante dele nengum tipo de oposiçom ou alternativa por parte da mulher, deu origem a que na Galiza se apresente a condessa totalmente entregada a Alarcos, até o extremo de dar a sua própria vida por ele. Nalgumhas versons o sacrificio amorooso mostra-se ainda de forma mais explícita:

—*Mata conde, mata conde que a morte che perdonaria.*
(Nulhám, Lugo)

Na tradiçom galega a vontade da condessa limita-se à sua derradeira despedida das pessoas e das cousas do seu entorno familiar e doméstico como os filhos, as criadas, a casa, etc., o qual ressalta a sua postura próxima ao martírio:

—*Déjame dar un paseo de la sala a la cocina,
despedir-me das criadas, sirvientas que eu ben quería.
Traguei-me el niño más viejo que d'él me despediría:
Adiós, ai nenño, adiós, que me van quitar a vida.
Traguei-me el niño más nuevo dar-lle de mamar quería:
Mama, niño, mama, niño, este leche de amargura
que de mañá pra estas horas hei-che 'tar na sepultura.
Mama, niño, mama, niño, esta leche de amargar,
que mañá destas horas han-me levar a enterrar.*
(Vieiro, Lugo)

Apenas em duas versons encontramos na despedida maternal mençom à mai substituta:

—*Ven acá hijo más nuevo pra te deprender a hablar,
para que mañá à madrasca para lle saber falar.
(Confurco, Ourense)*
—*Mama, niño, mama, niño, este leite sin sabor,
que mañana de estas horas has ter outra ma' millor
(Foilebar, Lugo).*

4.^a *Castigo Divino.*

Como di Diego Catalán as alteraçõs da fábula —entendendo por esta «una proyección simuladora de la realidad social en que viven los transmisores»— (17) ocorrem, sobretudo, em dous lugares semanticamente privilegiados: o começo e o remate dos romances.

O fim do *Conde Alarcos* na Galiza nom tem nengumha relaçon com o final dos *pliegos* do XVI que, segundo Menéndez Pidal, definiria o tema do *Conde Alarcos* como notoriamente espanhol, plenamente calderoniano:

«Por satisfacer la honra del rey, Alarcos sacrifica su mujer inocente y la mata con inexorable dureza, aunque mediando las más tiernas muestras de amor entre la víctima y el homicida; [...] los imperativos del honor [...] se sobreponen a toda otra ley de justicia. (18).

No *Conde Alarcos* galego o conceito da honra nom aparece ao nom existir a promessa do conde. A ordem real deve-se a um capricho da infanta que, por cima das leis divinas, quer levar a cabo abusando da sua autoridade. O conflito plantejado nom é o do desonor da infanta causado por Alarcos, senom que este surge quando o poder político quer ultrapassar os seus limites entrando nos terrenos do inquestionável poder de Deus. A justiça divina nom só pune a prepotência real, que para cumprir os seus desejos actua sem lhe importar a vida humana; a principal razom de que o castigo de Deus caia sobre Silvana e seu pai é porque estes se atrevem a violar umha Lei Sagrada: «o que Deus uniu, que nom o separe o home». A «mensa-

(17) Diego Catalán, «Los modos de producción y reproducción del texto literario y la noción de apertura», *Homenaje a Julio Caro Baroja*, Madrid, Centro de Investigaciones Sociológicas, 1978, pp. 262-263.

(18) Menéndez Pidal, *Ob. cit.*, I, p. 360.

gem» do *Conde Alarcos* galego-português é clara: a defesa do sacramento do matrimónio, e, portanto, da autoridade de Deus na Terra. Soluções inequivocamente religiosas, que chega mesmo a utilizar o milagre para maior efectividade da fábula.

O conde nom chega a matar a mulher graças ao tocar dos sinos que anunciam a morte de Silvana e, às vezes, também do rei. Na maioria das versons galegas é o neno de peito quem interpreta prodigiosamente as badeladas:

—*Tocan a [a] campana[s] a vuelo, ai Jesús! quen morreria?*
Largó el niño de tres meses que ella en su pecho tenía:

—*Murió la hija del rey por culpas que merecía,*
descasar los bien casados, cosa que Dios non quería.
(Peibás, Lugo)

—*Murió el rey de Alamaña, su hija en su compañía,*
por deshacer los casados, cosa que Dios no quería.
(Alcañices, Çamora)

Nalgumhas ocasións desaparece o motivo dos sinos, ficando só a milagrosa intervençom do neno:

Se suelta a hablar el niño, que tres mese no tenía;
—*Se murió doña Silvana por culpas que ella tenía,*
descasar los bien casados, cosa que Dios no quería.
(Vieiro, Lugo)

Este último verso que, na realidade é o típico *post-scriptum* incorporado à narração mediante o recurso de cenificar a valorização dos factos pondo-a em boca de umha personagem, tem umha presença quase absoluta no corpus galego-português do *Conde Alarcos*. Na Galiza encontramos algunhas variantes ou amplificações desta moralidade. —Transcrevemos só dous exemplos—:

—*Es la doña Silvana que de este mundo se va,*
dejemos los bien casados que Dios los mandó casare.
(Viariz, Leom)

Dice el niño más chiquito: —Foron o rei e mai-la filla,
po lo rei e mai-la filla que morte máis merecida.
¡Viva don Conde e a condesa, cosa que bien se querían!
(Seoane, Lugo)

Em duas versons origina-se umha nova seqüência a partir do *post-scriptum* final:

Abranzan-se un ó outro na forza da alegría
por se volver a quedar na mesma compañía.
(Melide, A Corunha)

Unos a caballo corriendo, otros a paso venían
para decir-lle ó conde que non matara a mujer:
—*Non mates a tua muller que morreu a miña filla*
pero cuando se lo [...] él ya lo sabía.
(Cabude, Lugo)

IV. CONCLUSIONS (A QUESTOM DA LÍNGUA)

O romance do *Conde Alarcos* na Galiza presenta as mesmas características que em Portugal: contaminação com *Silvana*, falta de emprazamento, castigo divino, final sobrenatural, moralidade religiosa... A tradição oral galega compartilha com a portuguesa a mesma sensibilidade e ideologia à hora de tratar a fábula do *Conde Alarcos*. Porém, como temos visto nas citas textuais, a língua nom é a mesma; a pesar de ser o nosso tema um dos romances mais galeguizados é o castelhano a língua predominante, como acontece em geral no Romanceiro galego. Este facto é consequência da origem castelhana do género e, sobretudo, do maior prestígio da língua espanhola, que têm umha importante presença no cancionero tradicional da Galiza.

O carácter lingüístico castelhano dos romances galegos foi a principal causa do seu esquecimento e da sua falsificação nos meios galeguistas desde o *Rexurdimento* até os nossos dias. Tópicos como o sentimentalismo ou a idealidade, ou a abundância de temas religiosos, novelescos e de burlas, seguem vigentes quando se fala do Romanceiro tradicional da Galiza. O *Conde Alarcos* galego polo seu carácter religioso, pola aparição do sobrenatural e pola sua oposição à tradição castelhana, presta-se a reforçar teses fundamentadas no afâm diferencialista e na análise superficial. O certo é que o Romanceiro galego ainda está por estudar num campo comum à investigação filológica galego-luso-espanhola.

* * *

AMOSTRAS

A

Estando doña Silvana	en el corredor de arriba
2 tocando nunha guitarra,	que muy bien la repartía,
y se levanta (<i>sic</i>) su padre	con el ruido que hacía.
4 —¿Qué haces ahí, Silvana.	qué haces ahí, Silvana mía?
—Que casó las hijas todas	y para mí no había
6 sino el conde de Malvedo	i é casado e tén familia.
Mándelo llamar, mi padre,	de su parte y más la mía;
8 para que más pronto venga,	le ponga poder de vida.
—¿Qué me quiere usted, buen rey,	qué quiere, su señoría?
10 —Que matarás tu mujer	pra casar coa miña filla.
—¿Cómo quiere que 'o la mate	si muerte no merecía,
12 cómo quiere que 'o la mate	y una prenda tan querida?
—Mata-a, conde, mata-a conde,	que si no te mataría

- 14 e has-me traer a cabeza nunha dourada bacía.
 Vuelve el conde pra su casa más triste que no venía.
- 16 Mandara hacer la comida las once pra mediodía.
 Está la comida á mesa, nin un nin outro comía.
- 18 —Di-me, conde, di-me, conde, ¿que era o rei que che quería?
 —Anda, vamo-nos al huerto, que 'o allí cho contaría.
- 20 Están las rosas abiertas, nin un nin outro comía.
 —Di-me, conde, di-me, conde, ¿que era o rei que che quería?
- 22 —Anda, vamo-nos á cama que 'o allí cho contaría.
 —Di-me, conde, di-me, conde, ¿que era o rei que che quería?
- 24 —Quería que te matara pra casar coa sua filla.
 —Cala, conde, cala, conde, pra eso remedio habia:
- 26 llamarás al cirujano que me día una sangría,
 para que poquito a poco me vaya cortando a vida.
- 28 Déjame dar un paseo dende a sala pra a cociña,
 decir adiós a mis criadas, sirvientas que 'o bien quería.
- 30 Traei-me al niño mayor, que peinarlo lo quería;
 traei-me al niño más nuevo, que darle el pecho quería.
- 32 Mama, niño, mama, niño, n'este leche de amargar,
 que mañanita a las ocho me llevan a caminar.
- 34 Mama, niño, mama, niño, n'este leche de amargura,
 que mañanita a las once estaré en la sepultura.
- 36 —Tocan al seno y al seno mi Dios ¿quién se moriría?
 Contesta el niño más nuevo, que seis meses no tenía:
- 38 —Se ha muerto doña Silvana por culpas que ella tenía:
 descasar los bien casados, cosa que Dios no quería.
- 40 Ella se vaya con Dios, nós con la Virgen María.

Versom de AS CANCELAS (c. e. p. j. Fonsagrada, Lugo), dita por Magdalena Murias, de 30 anos, da que conocemos duas cópias de Eduardo Martínez Torner, 1929, e de Aníbal Otero, 1931.

* * *

B

- Todas as fillas do rei, casadas e con familia,
 2 e eu, por ser a máis bonita, aqui me encontro rendida.
 —¿E que queres que che faga, que che hei facer, miña filla,
 4 [e que queres que che faga], si pra ti non hai compañía?,
 non sendo don conde Alberto, casado e con familia.
 6 —Mande-o chamar, mi padre, de sua parte e da miña,
 mande-o chamar, mi padre, que algun remedio habería.
 8 —Manda-me chamar o rei, non sei que me querería,
 se será para meu ben, se será para meu mal.

- 10 —¿Qué me quería, buen rey, qué me querería usía?
 —Quero que mates a muller, pra casar coa miña filla.
- 12 —¡Ay Dios mío, ay Dios mío, eso non o merecía!
 —Mata, conde Alberto, mata, e casas ca miña filla.
- 14 Chegou o conde á sua casa con máis pesar que alegría;
 mandou cerrar os palácios, cousa(s) que nunca facia,
- 16 e sentou-se á mesa facendo que comia;
 las lágrimas dos seus ollos polos manteles corrian.
- 18 Baixou a condesa abaixo pa lle dar alegría.
 —¿Qué te pasa, conde Alberto, qué te pasa a ti, mi vida?
- 20 Dime algo de tus pesares, que eu che darei alegría.
 —Manda-me o rei que te mate pa casar coa sua filla
- 22 porque non hai outro rei e que non tén compañía.
 —Cala, home, cala, home, que algun remédio haberia;
- 24 cala, home, cala, home, que eso logo se facia.
 Manda chamar ao ciruxano, que me faga unha sangria;
- 26 vou-me escorrendo da sangre, vai-se-me acabando a vida.
 Deixa-me dar unha volta da sala para a cociña;
- 28 despedir-me dos criados con que eu tanto vivia,
 [despedir-me dos criados], a mais da miña casiña,
- 30 a mais das miñas criadas con quen eu adevertia (*sic*).
 Trai-me pa acó esa nena, que a quería peinar,
- 32 trai-me esa outra máis pequena, que lle hei de dar de mamar.
 Mama, miña nena, mama, este leite de amargura,
- 34 que mañana de estas horas estarei na sepultura.
 Tocan os tinos (*sic*) en Fráncia, ¡ay Jesús! quen morrería?
- 36 —Morreu a filla do rei, dunha morte repentina,
 por descasar os bens casados, cousa(s) que Dios non quería.

Versom de SANTA MARINHA (c. Antas de Ulha; p. j. Chantada. Lugo), recitada e cantada por Eugenia García Varela, de 65 anos. Recollida o 12 de Julho de 1983 por Teresa Cillanueva, Michelle Débax, Jon Juaristi e Ana Valenciano e o 13 de Julho de 1983 por Pere Ferré, Andrea W. Hamos, Therese Meléndez e Isabel Ruiz.